

WEB
DOC

UFPA
60
anos
1957-2017

WEBDOC UFPA 60 ANOS

A força da
pesquisa na
Amazônia.

ROTEIRO ADAPTADO DO RADIODOCUMENTÁRIO:

UFPA 60 anos - A força da
pesquisa na Amazônia.

REALIZAÇÃO

Rádio Web UFPA

APRESENTAÇÃO, PRODUÇÃO E ROTEIRO

Fabrício Queiroz

GRAVAÇÃO E MONTAGEM

João Nilo

SUPERVISÃO E EDIÇÃO

Elissandra Batista e Fabrício Queiroz

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Marcio Novelino

FOTOS

Alexandre Moraes / Ascom UFPA

COORDENAÇÃO GERAL

Rosane Steinbrenner

APRESENTAÇÃO



FABRÍCIO QUEIROZ
Jornalista

ENTREVISTADOS



ANA FLÁVIA MENDES

Professora, coreógrafa de dança e Vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará.



ARTUR SILVA

Biólogo, mestre e doutor em Ciências Biológicas (Genética e Biologia Molecular). É chefe do Laboratório de Genômica e Bioinformática da UFPA e atualmente coordena o Programa de Pós-Graduação em Genética e Biologia Molecular (PPGBM).



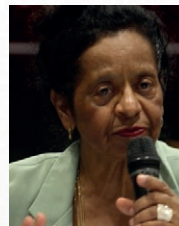
CÍCERO RÉGIS

Licenciado em Física, mestre e doutor em Geofísica, atualmente é coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geofísica da UFPA (CPGf), primeira pós-graduação da Universidade.



RÔMULO SIMÕES ANGÉLICA

Geólogo, mestre e doutor em Mineralogia e Geoquímica, é professor do Instituto de Geociências da UFPA, chefe do Laboratório de Caracterização Mineral e atual pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação.



ROSA ACEVEDO

Socióloga e professora da UFPA, ingressou na Universidade Federal do Pará em 1973 como discente do primeiro programa de Formação de Especialistas em Desenvolvimento de Áreas Amazônicas, do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA).

APRESENTADOR

5 milhões e 500 mil quilômetros quadrados é a extensão da maior floresta tropical do mundo.

Uma região repleta de recursos naturais, fauna e flora que tornam a Amazônia um dos mais importantes territórios da biodiversidade.

Uma riqueza tão grande que está até debaixo da terra. No Pará, na região de Carajás, foi descoberta na década de 1960 a maior área mineral do mundo.

Para chegar a esses recursos, a tecnologia e o conhecimento de diferentes áreas são fundamentais. Um exemplo disso é a Geofísica, a ciência que estuda as propriedades físicas do interior da terra, a partir de técnicas indiretas.

O desenvolvimento da Geofísica ganhou força no século 19, na Alemanha. Em 1879, por exemplo, foi criado o magnetômetro, o primeiro instrumento típico da geofísica, que permite investigar os campos magnéticos.

Quase um século depois, em 1973, a Geofísica teria mais um papel importante para a Ciência. Dessa vez, na região norte do Brasil. Foi nessa área que surgiu o primeiro curso de pós-graduação da Universidade Federal do Pará.

Mais de 40 anos depois, a pesquisa e a pós-graduação cresceram e ajudaram a colocar a UFPA em posição de referência na formação de pessoas e produção de conhecimento na região.

A pesquisa e a pós graduação são os assuntos deste capítulo do radiodocumentário UFPA 60 anos, uma homenagem aos

pesquisadores e a evolução da ciência na UFPA.

APRESENTADOR

Década de 70, o contexto é de implantação dos grandes projetos e pressão sobre a floresta e as populações tradicionais.

As demandas ambientais, econômicas e sociais que surgem nesse momento marcam a criação dos primeiros programas de pós-graduação e projetos de pesquisa da UFPA.

A mineração começa a ganhar importância como atividade econômica no Pará e exige mão de obra mais qualificada. Nessa época, profissionais das ciências da terra e exatas buscam formação no exterior. E de volta ao estado dão os primeiros passos rumo a pós-graduação.

A prospecção mineral é uma das linhas de pesquisa do curso de Pós-graduação em Geofísica (CPGf), o primeiro mestrado da UFPA. Além de ser pioneiro na universidade, é o segundo dessa área em todo o Brasil e o único que desenvolve pesquisa com geofísica aplicada na região amazônica.

A primeira dissertação de mestrado defendida na UFPA já é um exemplo disso. Em 1976, Sonia Dias Cavalcanti Guerreiro apresentou um trabalho que utilizou o método de potencial espontâneo.

O objetivo era mostrar como essa técnica tinha aplicação simples e econômica e permitia conhecer as propriedades de anomalias na terra. Dessa forma, a professora demonstrou a potencialidade desse método para a prospecção mineral.

Outras linhas de pesquisa desenvolvidas no CPGf desde o início abordavam águas subterrâneas e hidrocarbonetos. Já a partir dos anos 80 e 90 uma nova linha surgiu na área de geofísica de poço.

Os trabalhos com petróleo e gás surgiram a partir de um convenio com a Petrobrás, que contribuiu, por exemplo, com a ampliação da infraestrutura, dos laboratórios e também no incentivo à pesquisa.

Mesmo com os investimentos para a área de petróleo e gás, o CPGf não deixa de lado a preocupação de buscar inovação e soluções para as necessidades locais.

O doutor em Geofísica e coordenador do curso de Pós-graduação em Geofísica, Cicero Régis, exemplifica como o programa atua.

CICERO RÉGIS

“Aqui na Geofísica, a gente dá uma ênfase nessa coisa do petróleo porque é de onde vem o maior financiamento, mas a gente tem pesquisa, tem trabalho voltado para coisas tipicamente regionais e que são importantes como o problema de prospecção de águas, o problema de prospecção mineral que é muito forte no Pará. Temos pesquisas voltadas para problemas ambientais nos quais a Geofísica rasa pode atuar e ajudar bastante. Temos até temas de pesquisa com o pessoal da arqueologia, de identificação de sítios arqueológicos e de artefatos que revelam a nossa história e até a nossa pré-história”.



Inauguração do
prédio do Núcleo de
Ciências Geofísicas e
Geológicas em 1978.
Foto: Acervo Museu da
UFPA

APRESENTADOR

Em 60 anos de história, a UFPA também comemora importantes conquistas na produção de conhecimento nas áreas social e econômica na região.

Em 1973, a realização do primeiro programa internacional de treinamento em projetos de desenvolvimento de áreas amazônicas, o Fipam, deu início a história do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA).

Hoje, referência na discussão sobre o desenvolvimento regional, o NAEA começou com cursos de especialização lato sensu e em 1977 implantou o PLADES, o mestrado em planejamento do desenvolvimento.

A trajetória para formação da massa crítica sobre as questões amazônicas foi marcada desde o início por uma visão ampla da região, envolvendo professores e estudantes brasileiros e estrangeiros.

Entre eles, a socióloga e doutora em História e Civilização Rosa Acevedo que foi aluna do Fipam e participou, em 1974, com o professor Jean Hebette, do primeiro projeto de pesquisa do NAEA. Rosa Acevedo conta como foi essa experiência.

ROSA ACEVEDO

“Com essa pesquisa ‘Colonização Espontânea Belém-Brasília’, inicia, realmente, um setor, uma atividade de pesquisa no NAEA. Esse trabalho vai se prolongar durante quase três anos e no final desse período nós publicamos um livro: ‘Colonização para quem?’ Tínhamos recursos para pesquisa e recursos que

não eram muito abundantes, mas a cada quinze dias nós saíamos de ônibus para a Belém-Brasília e realizávamos trabalhos em vários lugares até chegar a Goiás, na Colônia de Seres. Esse período também vai ser uma série de atividades que mobilizaram bem a pesquisa em Ciências Sociais na Universidade Federal do Pará”.

APRESENTADOR

Nesse período, as políticas de intervenção do estado, o avanço dos grandes empreendimentos minerais e agropecuários, e conflitos sociais se tornaram objeto de pesquisa e um desafio para os cientistas.

Para Rosa Acevedo, era complexo produzir conhecimento em meio a turbulência, mas a professora acredita que a pesquisa teve e ainda tem um papel importante de estimular a reflexão sobre os problemas da Amazônia.

ROSA ACEVEDO

“Esse deveria ser o papel e a forma como todos os institutos, departamentos, núcleos desta universidade produzem conhecimento. Se entendermos que é esse o papel da universidade, produzir esse conhecimento e, cada vez mais, avançar para ter uma autonomia intelectual”.

APRESENTADOR

Com 44 anos, o NAEA hoje conta com 3 pós-graduações. O Plades está integrado ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, que oferece formação de mestrado e doutorado.

O núcleo também oferece um programa na área de gestão pública e outro dedicado aos cursos em nível de especialização.

Em todos os cursos e projetos de pesquisa, a proposta é marcada pela interdisciplinaridade voltada para a observação social e o respeito à sustentabilidade na Amazônia.

APRESENTADOR

Não importa a área do conhecimento, a preocupação regional é sempre uma tônica da pesquisa na UFPA.

E na área de Genética e Biologia Molecular (PPGBM) isso não é diferente. Ao lado do Programa de Pós-graduação em Geologia e Geoquímica, o PPGBM é um dos mais bem avaliados programas de pós-graduação da Universidade e de toda a região norte.

Uma história de sucesso que começou antes mesmo da criação do curso de biologia na UFPA. Na década de 60, o médico Manuel Ayres iniciou os trabalhos com genética na extinta Faculdade de Filosofia, que só seria integrada à UFPA nos anos 1970.

Com a criação do Centro de Ciências Biológicas em 1971, as pesquisas em genética passaram a fazer parte do departamento de Biologia. E em 1980 ganharam um departamento próprio.



Núcleo de Altos Estudos
Amazônicos (NAEA)
criado em 1973. Foto:
Acervo Museu da UFPA

Em 1985, foi criado o Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas, que tinha a genética como uma das áreas de concentração.

Na década de 1980, o desenvolvimento crescente da biologia na UFPA logo inspirou um jovem a seguir a carreira acadêmica. Artur Silva entrou na Universidade Federal do Pará em 1989 no curso de licenciatura em ciências biológicas.

Na época integrou a primeira turma de bolsistas do programa de iniciação científica. E depois, cursou o mestrado e o doutorado na UFPA. Uma experiência que marca uma trajetória dedicada à pesquisa.

ARTUR SILVA

“Eu fui da primeira turma Pibic da UFPA. A iniciação científica, o mestrado eles foram divisores de água na minha vida porque não somente aprendi a conhecer e a respeitar o que nós chamamos de “método científico”, ou seja, que pra você fazer uma afirmação você tem que ter um fato científico que seja reproduzível, assim como também eu aprendi a ser funcionário público, que é uma outra coisa que às vezes você não vê com facilidade assim, ou seja, conhecer a metodologia, a burocracia brasileira, a burocracia da universidade, as instâncias que a universidade tem. Isso foi muito importante nessa fase. O doutorado ele foi importante sim, mas para minha questão da internacionalização, mas a iniciação científica e o mestrado eles foram importantes no meu amadurecimento científico e principalmente

pra conhecer a universidade”.

APRESENTADOR

Hoje, o professor Artur Silva é coordenador do Programa de Pós-graduação em Genética e Biologia Molecular.

O mestrado e o doutorado avaliados com nota 6 pela Capes funcionam na UFPA, mas contam com a colaboração de outras instituições do Estado.

O apoio de órgãos como a Finep, a Capes e o CNPQ, além do Governo do Pará foram determinantes para o crescimento PPGBM.

Foi com parceria, que um importante avanço recente da pesquisa em genética foi alcançado, com a criação em 2009 da Rede Paraense de Genômica e Proteômica.

As pesquisas com sequenciamento de DNA envolvem tecnologia, inovação e estudo, que colocaram o Pará em posição de destaque em um campo de esforço científico mundial.

Tudo isso sem deixar de lado as necessidades locais. Entre as áreas de interesse e aplicação dos projetos estão investigações que contribuem para o controle de doenças endêmicas da Amazônia, o combate a pragas, além da biotecnologia.

ARTUR SILVA

“A implantação da Rede Paraense de Genômica integrando todos os grandes grupos que existiam no Pará que faziam genética de alto nível e capacitando esses grupos até com a tec-

nologia de sequenciamento de DNA para obtenção de genomas e as ferramentas de análise, isso foi com certeza o que nos fez diferenciar aqui dentro. Foi realmente um divisor de águas pra gente aqui. Nós somos um curso que compete com todos os cursos que existem no Brasil e temos pesquisas que competem com o exterior, mas nós temos uma forte identidade regional. E nós sabemos que a chave do sucesso de uma sociedade é quando você tem educação. Então eu acho que a formação que a gente faz continuada tanto na graduação como na pós-graduação ela é extremamente importante para nós atingirmos um grau de desenvolvimento social que está muito longe de nós termos no Brasil e, principalmente, aqui na Amazônia”.

APRESENTADOR

Atualmente, a Universidade Federal do Pará possui 86 programas de pós-graduação, sendo pioneira em muitas áreas. Um bom exemplo disso é a Pós-graduação em Artes.

Criado em 2009, o PPGARTES surgiu para qualificar e ampliar as pesquisas em diversas linguagens.

Com uma produção reconhecida em todo o Brasil, o acesso à pesquisa já era uma demanda dos artistas paraenses. E logo se tornou um elemento de valorização e qualificação da cultura local.

Para a instalação do programa, a UFPA promoveu um amplo processo de qualificação dos professores da Escola de Teatro e Dança, da Escola de Música e outros ligados à arte.

Tudo começou com um mestrado interinstitucional com a Universidade Federal da Bahia, onde professores da UFPA,



Laboratório de
Genética Humana.
Foto: Alexandre
Moraes

UEPA e UNAMA iniciaram uma jornada acadêmica que resultaria na criação do PPGARTES.

Ana Flávia Mendes Sapucahy, na época, era professora em uma escola particular de Belém, fez a formação na Bahia e acompanhou o início desse processo.

ANA FLAVIA MENDES

“Lembro que na época foi uma grande revolução aqui na universidade porque, na época, era o professor Alex Fiúza de Mello estava na reitoria, e ele simplesmente disse “não, vão sair sim todos esses professores da escola de teatro e dança - eram 14 ou 16 professores, não lembro ao certo - eles vão, vamos fazer, colocar, substitutos, faz concurso pra substitutos, vão todos para pós-graduação”. E foi assim um período de grande revolução eu acho no que diz respeito a formação dos professores de Artes, especificamente de teatro e dança, principalmente, pra cá pra Universidade”.

APRESENTADOR

A professora Ana Flávia atualmente é vice-coordenadora do PPGARTES. Para ela, um dos aspectos que diferencia a pesquisa em artes é a possibilidade de criação de novos métodos científicos que levam a uma nova relação entre o acadêmico e o empírico.

ANA FLAVIA MENDES

“O que acontece é mesmo uma troca entre o saber em-

pírico e o saber acadêmico, o saber científico. E nisso a gente constrói um conhecimento, um jeito também de fazer pesquisa que é muito particular no campo das artes e que contribui para atuação das pessoas porque na medida em que você mergulha num processo de pesquisa aquilo vai transformar também o seu próprio fazer. Então a gente, na verdade, se apropria de um saber que é da prática e aplica este saber no desenvolvimento da pesquisa acadêmica, dando a este saber um outro status que é o de metodologia científica no campo da arte”.

APRESENTADORA

As peculiaridades da pesquisa em artes ainda podem parecer estranhas para a tradição científica. Por isso, a área enfrenta alguns desafios.

Um exemplo, é a carência de publicações “Qualis A” que abram espaço para o trabalho com dança, música, artes visuais e teatro.

Além disso, a professora Ana Flávia Mendes comenta a necessidade de valorização da produção artística no mesmo nível da produção científica. Para os pesquisadores, a superação desses desafios seria uma conquista rumo ao maior reconhecimento das artes como ciência.

ANA FLAVIA MENDES

“A gente vem batalhando pela atribuição de um valor semelhante a esse que é dado ao artigo produzido na revista Qualis A à produção artística. Então, a gente tem também o chamado

Qualis Artístico da Capes. Para isso, a gente produz seguindo essa normatização do Qualis Artístico para que isso também vá reverberar na nossa avaliação”.

APRESENTADOR

Nos 60 anos da UFPA, a pesquisa e a pós-graduação comemoram conquistas e contribuições para a instituição e claro para toda a Amazônia.

De acordo com os indicadores da Pró-reitora de Planejamento e Desenvolvimento Institucional (PROPLAN), a atividade de pesquisa e o ensino de pós-graduação avançaram na universidade.

Em 2007, foram realizados na UFPA 692 projetos de pesquisa. Em 2013, o número de projetos em execução chegou a 1.355.

A mesma evolução ocorreu nos cursos de pós-graduação. Em 2007, eram 38 mestrados e 17 doutorados. Já em 2013, eram 58 mestrados e 28 doutorados.

No entanto, a partir de 2014, a intensificação da crise política e financeira no país afetou os investimentos na área. Um exemplo é notado na diminuição do apoio aos projetos de pesquisa. No último balanço da PROPLAN, com base nos dados do ano de 2015, foram executados 774 projetos.

Para o professor Cícero Régis, da Pós-graduação em Geofísica, o Brasil passa por um momento de retrocesso na política para ciência, tecnologia e inovação.

CÍCERO RÉGIS

“A gente passa por um período em que aparentemente estava sendo reconhecido o investimento na pesquisa, o investimento na criação de conhecimento, aí de repente retrocede tudo. Hoje claramente tem um retrocesso imenso no reconhecimento de que o gasto com a pesquisa, com a pós-graduação, com a criação de conhecimento, com a formação de pessoas para gerar novos conhecimentos é importante, é fundamental, não é um gasto, é um investimento de fato. No meio de uma, das repetidas crises, ao invés de a gente ter cada vez mais a consciência de que isso aí é uma saída, é um investimento pra melhorar, a gente vê hoje um retrocesso tremendo”.

APRESENTADOR

Apesar do cenário econômico desfavorável, o Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação da UFPA, professor Rômulo Simões Angélica acredita que é possível seguir com a evolução da ciência na universidade.

Entre as ações da PROPESP estão medidas de apoio através de editais, como o de estímulo à cooperação e à publicação qualificada.

Outra meta é a criação de novos cursos. Só em 2016, foram submetidas 16 novas propostas à Capes. Dessa forma, se pretende atender áreas que ainda não são contempladas.

Para o pró-reitor, é importante o comprometimento dos diferentes grupos de pesquisadores em busca da melhoria.

RÔMULO SIMÕES ANGÉLICA

“Hoje estando na PROPESP, o nosso desafio é manter a qualidade, estimular os programas que subam de nota, que melhorem sua qualificação porque a consequência é o aporte maior de recursos e até mesmo de número de bolsas, que aumentam na medida que os programas aumentam de nota”.

APRESENTADOR

São 535 grupos de pesquisa e 3.324 pesquisadores. Números que colocam a UFPA entre as principais instituições de pesquisa em todo o Brasil.

Mas como uma instituição de ensino superior, para a UFPA pesquisa e pós-graduação são interrelacionadas e devem juntas desempenhar um papel social. É o que defende o professor Rômulo Simões Angélica.

RÔMULO SIMÕES ANGÉLICA

“A qualificação nível mestrado, doutorado que é uma formação mais qualificada, na nossa região, ela retorna pra própria universidade, melhorando a qualidade de professores. Na nossa pós-graduação, nós formamos mestres e doutores para o próprio meio de ensino universitário. Esse é um ponto fundamental de entendimento, de compreensão do papel institucional, na pós-graduação formando pessoas para atuar nessas diferentes áreas, setores, problemas, instituições ligadas a questão ambiental, a questão social. Eu estive em Bragança na constituição lá polo

de aquicultura e pesca lá da região de Bragança. É um projeto interinstitucional, que tem a UFPA, que tem o IFPA, está ligado ao setor de pesca, ou seja, a transferência de conhecimento à comunidade, está ligado à pesquisa porque o grupo de genética vai trabalhar com melhoramento genético de espécies, então você tem a pesquisa tá lá dentro e a ponta final pode ser uma transferência de conhecimento para o pescador, pro produtor local. Então está tudo integrado. E esse é apenas um exemplo de um setor que pode se valer do conhecimento da pesquisa produzida na UFPA”.

APRESENTADOR

Questionamento, crítica, estudo, investigação, tecnologia e inovação fazem parte da rotina da ciência e da educação.

Um processo que envolve formação humana e produção de conhecimento com reflexos sobre a Universidade, as pessoas e a vida na Amazônia.



A C E S S E
radio.ufpa.br